

CONVERSAS NO PALÁCIO

João Soares - Vereador da Câmara Municipal do Barreiro
Tema: "2 anos de experiência
como Vereador Independente"
Dia 29 de Novembro - 21:30 horas
No Restaurante Palácio Alfredo da Silva
Venha tomar um café e reflectir.
Iniciativa jornal "Rostos"
Apoio Restaurante Palácio Alfredo da Silva



3.ª Edição da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância "O Barreiro está no mapa da ilustração mundial"



*Regina Janeiro, vereadora da Cultura
e Educação da Câmara Municipal do Barreiro*

**"Um projecto extraordinariamente bom
e com uma afirmação internacional única"**



ILUSTRARTE

3ª EDIÇÃO DA BIENAL INTERNACIONAL
DE ILUSTRAÇÃO PARA A INFÂNCIA



3.^a Edição da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância “É um prazer para nós ver essas imagens premiadas no nosso concurso”

O Auditório Municipal Augusto Cabrita (AMAC), já conhecido pela “casa da ilustração” recebe de 10 de Novembro de 2007 a 31 de Janeiro de 2008 a 3.^a Edição da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância, na qual a vencedora foi a ilustradora alemã Susanne Janssen. E sobre a iniciativa, o comissário Eduardo Filipe refere que o número de participantes teve um aumento significativo e que, se na primeira edição este desafio internacional teve uma participação de 500 ilustradores de cerca de trinta países, este ano chegou aos 1360 ilustradores oriundos de 60 países, números que considera “fantásticos” e que o levam a comentar: “Por este andar não sei muito bem o que faremos na próxima edição, porque seleccionar tantas imagens é um trabalho exaustivo”. E isso porque desses 1360 ilustradores, apenas 50 são seleccionados. Uma selecção que diz ser

“cada vez mais apertada e onde a qualidade é cada vez melhor”.

Para o concurso, os ilustradores podem apresentar, cada um deles, três ilustrações originais não publicados ou publicados durante os últimos dois anos “para que haja uma actualidade das imagens a concurso”, sublinha. E em relação à Bienal de 2007, comenta: “Os primeiros lugares são ocupados por ilustradores consagrados e famosíssimos em todo o mundo” e remata: “É um prazer para nós ver essas imagens premiadas no nosso concurso”. De sublinhar ainda que as Menções Honrosas foram atribuídas à ilustradora italiana Chiarrà Carrer, à francesa Martin Jarrie e à belga Isabelle Vandenabeele.

Andreia Lopes Gonçalves



Susanne Janssen



Martin Jarrie



Isabelle Vandenabeele



Chiarrà Carrer

Rostos online Jornal o seu diário digital

www.rostos.pt



Regina Janeiro, vereadora da Cultura e Educação da Câmara Municipal do Barreiro

“Um projecto extraordinariamente bom e com uma afirmação internacional única”

“A ILUSTRARTE é um projecto para continuar, para incentivar e para apoiar”, expressou Regina Janeiro, vereadora da Cultura e Educação, reconhecendo que a ILUSTRARTE, “um projecto cultural com muita qualidade que vem do passado”, nasceu de uma iniciativa cultural ainda durante o anterior executivo e que pela sua dimensão e importância considera essencial “dar-lhe mais força”. Até porque diz que “a cultura nunca é um projecto acabado, é preciso fazer sempre mais e melhor”. E nesse trabalho diz que uma constante é a formação de públicos, de modo a aproximar cada vez mais a cultura das pessoas, ao que comenta: “A cultura também pode chegar às pessoas, não têm de ser só as pessoas a procurá-la”.

Divulgação da ILUSTRARTE dentro do concelho com a Comunidade Educativa

Fala na ILUSTRARTE como um “projecto extraordinariamente bom e com uma afirmação internacional única, a nível de projectos culturais do nosso concelho”. Mas reconhece que sentiu a necessidade de apostar mais no seu reconhecimento dentro do concelho, pois se o Barreiro é reconhecido além fronteiras como a Capital da Ilustração Infantil, essa realidade ainda passava um pouco despercebida pela população local. E, para colmatar esta questão, sublinhou: “o que nós procurámos fazer foi um trabalho a nível da comunidade educativa do 1º Ciclo”, o que diz envolver não só as crianças e os professores mas também as famílias. E essa envolvimento considera que pode ser constatada nas exposições que foram feitas, nas quais também as crianças desempenham, por vezes, o papel de criador de arte e dá o exemplo da exposição “1000 rostos”, na qual as crianças se colocavam frente a frente para desenhar a cara do colega, o que deu origem a uma exposição.

“ (...) Mas creio que hoje no Barreiro toda a agente sabe que existe a ILUSTRARTE”

Faz questão em sublinhar a importância da ligação que se estabeleceu entre a comunidade educativa e a ILUSTRARTE, um trabalho que

diz ter sido tido em conta “para solidificar aquilo que são os nossos públicos e a nossa formação de públicos”. E hoje considera: “não sei se o público mais velho tem a dimensão da importância e da envolvimento, mas creio que hoje no Barreiro toda a agente sabe que existe a ILUSTRARTE”.

“A ILUSTRARTE também ainda não saiu à rua”

Considerando que “a cultura nunca é um projecto acabado”, a vereadora Regina Janeiro considera que a formação de públicos deve ser uma preocupação constante e aponta algumas ideias nesse sentido: “se calhar ainda não trabalhamos a relação dos seniores com a ILUSTRARTE, a ILUSTRARTE também ainda não saiu à rua, no sentido, de poder ser visível, por exemplo, no mercado ou no Parque Catarina Eufémia”. Sublinhando, neste sentido, que a “a aproximação da cultura às pessoas é fundamental”.

Workshops e ateliers “estão sempre todos eles esgotados, o que nos levar a continuar a fazer mais”.

Entendendo que “o projecto ILUSTRARTE não é um projecto que apenas se vê ou que embeleza as paredes do lindíssimo Auditório Municipal Augusto Cabrita (AMAC)”, diz que houve também outras preocupações, de modo a que “um projecto com esta grande dimensão tivesse também outro tipo de estrutura” e no sentido do que diz “solidificar aquilo que são os seus objectivos” falou nos workshops e ateliers realizados no AMAC, que contam com a presença dos artistas que vêm inaugurar as exposições, ao que comenta: “estão sempre todos eles esgotados, o que nos levar a continuar a fazer mais”.

“O AMAC não se resume à ILUSTRARTE”

Defendendo a ideia de que a ILUSTRARTE é um elemento dinamizador do Auditório Municipal Augusto Cabrita, o que a faz exclamar: “no dia da abertura do AMAC abriu a primeira ILUSTRARTE e, portanto, obviamente que os dois



projectos são inseparáveis”, não deixa de sublinhar que “o AMAC não se resume à ILUSTRARTE”, ao que prossegue: “há muitas outras iniciativas que ali acontecem”. E questionada com as críticas que têm sido tecidas de que o Auditório não estaria a ter o rendimento devido, contesta: “desde o B.O.M. – Barreiro, Outras Músicas, que tem tido uma grande aceitação por parte da população; à programação infantil que está com regularidade quinzenal, o que nunca tinha acontecido; ao cinema do AMAC que está cada vez a atingir maiores dimensões, com a criação e a formação de públicos; já não falando que a Bienal acontece no AMAC, como é que alguém que tem uma iniciativa cultural desta dimensão diz que o AMAC é um ‘elefante branco’?”.

“Para que cada vez tenhamos uma população mais informada e sensibilizada.”

E conclui, referindo que “na cultura é sempre possível fazer mais e melhor”, uma crítica que considera que deve de ser tida em conta e que “todos os dias nos devemos fazer a nós próprios”, e com o objectivo que diz ser: “para que cada vez haja mais acesso à cultura e para que cada vez tenhamos uma população mais informada e sensibilizada”.

Andreia Lopes Gonçalves

Eduardo Filipe, comissário da ILUSTRARTE

"O Barreiro está no mapa da ilustração mundial"

Uma arte que fascina pequenos e graúdos. A Ilustração para a infância assim se revela, "fascinante", e a explicação para esse encantamento encontra-o Eduardo Filipe, comissário da ILUSTRARTE: "Estas imagens contam histórias e as pessoas adoram que lhes contem histórias". E num contar de histórias a ILUSTRARTE, um projecto cultural centrado no livro infantil ilustrado, lançou os seus frutos e levou o nome do Barreiro às mais altas esferas da ilustração, ao que comenta Eduardo Filipe: "O Barreiro está no mapa da ilustração mundial". E este ano, para além da Bienal Internacional e de uma programação regular de exposições, a ILUSTRARTE prepara de 8 a 11 de Dezembro a 1.ª Edição do Salão para a Infância, com o objectivo de proporcionar um espaço de encontro e convívio em torno deste mundo de deslumbramento.

"Apercebemo-nos de que nas páginas dos livros infantis encontrava-se arte ao mais alto nível"

Assumindo-se como "consumidor" regular de arte, Eduardo Filipe conta que a ideia da ILUSTRARTE surgiu primeiro sobre a forma de uma colecção particular de originais de ilustração para a infância, que no início dos anos 90 começou a reunir em conjunto com Ju Godinho, com quem partilha o comissariado da ILUSTRARTE. E explica: "Apercebemo-nos de que nas páginas dos livros infantis encontrava-se arte ao mais alto nível", o que fez com que esse trabalho não se ficasse por aí. Depois de esgotado o mercado nacional, os horizontes estenderam-se e em 2003 surgiu a ideia de se criar um evento sobre o tema da ilustração para a infância e assim surgiu a Bienal Internacional, um concurso que conta este ano com a sua terceira edição e onde participam ilustradores de todos os cantos do mundo. E logo na primeira edição, este desafio teve uma participação de 500 ilustradores de cerca de 30 países. Eduardo Filipe conta ainda que a preocupação da constituição de um júri internacional de prestígio foi também tida em conta, uma condição que considera essencial para o bom-nome do concurso.



"Arte na Página" para motivar o gosto pela Ilustração Infantil

Outra preocupação que o comissário da ILUSTRARTE fala é da vontade que tinham em criar um público que se habituasse a ver ilustração infantil, motivando-lhe o gosto por essa forma de arte e, nesse sentido, pensaram em criar um programa regular de exposições de originais de ilustração para a infância e assim nasceu o projecto "Arte na Página", que em quatro anos fez cerca de 30 exposições. Para além de exposições de retrospectivas de carreira de ilustradores famosos, o Auditório Municipal Augusto Cabrita (AMAC) recebe exposições colectivas, normalmente temáticas, das quais Eduardo Filipe destaca, em 2005 a exposição alusiva ao bicentário do nascimento do escritor H.C. Anderson, sob o nome: "Ervilhas para Verdadeiras Princesas" e anuncia que no início de 2008 o AMAC vai receber uma exposição de ilustração iraniana chamada "As Mil e Uma Noites". No âmbito das exposições, conta ainda que surgem também algumas aquando o lançamento de um novo livro, na qual se aproveita o lançamento da obra no AMAC e em que se faz a exposição

de todos os originais de um só livro, o que comenta: "é engraçado porque o próprio livro torna-se no catálogo da exposição".

Público – "vai desde os mais pequeninos do pré-escolar, até aos avós desses meninos"

Através de uma programação ininterrupta, na qual no AMAC estão sempre presentes cerca de duas ou mais exposições sobre a temática da ilustração infantil, Eduardo Filipe diz que ao fim de quatro anos de existência, a ILUSTRARTE conta já com um público fiel. E, desse público, comenta: "vai desde os mais pequeninos do pré-escolar, até aos avós desses meninos". Fundamentando que a ilustração infantil interessa a diferentes públicos, desde os mais novos, para os quais os livros são feitos, passando pelos educadores, professores ou familiares que os acompanham e acrescenta: "e também os jovens que começam a dedicar-se à arte ou que querem vir a ser artistas ou ilustradores". Sublinhando que em torno do livro infantil ilustrado gira uma grande quantidade de pessoas, com as mais diversas ocupações, considera: "para quem estas exposições representam a confirmação da

importância artística do trabalho que fazem". E esses profissionais são desde os escritores, os ilustradores, os editores, os gráficos ou os designers, ao que Eduardo Filipe sintetiza: "toda a indústria do livro".

"Somos visitados por pessoas de todo o país, desde dos politécnicos de Santarém, de Portalegre ou de Coimbra"

Ao nível do pré-escolar e primeiro ciclo, faz questão em sublinhar que não são apenas as escolas do Barreiro a virem visitar as exposições, mas sim todas as escolas da Área Metropolitana de Lisboa, o que responde também um pouco à frase da famosa ilustradora checa Květa Pacovská, que um dia considerou: "Um livro ilustrado é a primeira galeria de arte que uma criança visita". Eduardo Filipe fala também dos mais graúdos que também vêm de uma forma entusiástica esta iniciativa: "Somos visitados por pessoas de todo o país, desde dos politécnicos de Santarém, de Portalegre ou de Coimbra". E chama ainda a atenção para o facto de, quando os artistas colocam à venda as suas obras na exposição (uma escolha que fica ao critério

dos artistas, como faz questão de sublinhar) “ficam espantados porque vendem mais aqui do que em muitos outros lados e até do que no seu país de origem, porque de facto cria-se um público à volta disto”, sustenta.

“Estas imagens contam histórias e as pessoas adoram que lhes contem histórias”

Para explicar o fascínio que faz com que tantas pessoas de diferentes idades se interessem pela ilustração infantil, considera que se, por um lado, no geral “as pessoas gostam de livros ilustrados porque as imagens são bonitas e apelativas”, por outro, considera que o facto de a ilustração ter sempre um carácter narrativo cativa muito as pessoas: “Estas imagens contam histórias e as pessoas adoram que lhes contem histórias”. E, no seu entender, é esse factor que prende a atenção dos diferentes públicos, ao que acrescenta: “a interpretação e a forma como olham é diferente, seguramente, uns não reconheceram as alusões à história da arte, mas cada um faz a sua própria leitura, tendo esse denominador comum que é a história que lhes está a ser contada visualmente”.

Salão para a Infância – “Um grande encontro entre os vários protagonistas nesta história”

Este ano e um mês depois da Exposição Bial, a ILUSTRARTE prepara uma outra iniciativa, a 1.ª Edição do Salão para a Infância que vai decorrer entre os dias 8 e 11 de Dezembro no AMAC. Uma ambição que Eduardo Filipe diz ser já antiga e que vai ao encontro da vontade de se concretizar “um grande encontro entre os vários protagonistas nesta história” e que diz serem os escritores, os ilustradores, os editores e os próprios leitores. Um encontro que, apesar de dizer que tem características semelhantes a uma feira do livro, adverte: “o objectivo aqui não é a venda dos livros”, sublinhando que o propósito fundamental é proporcionar esse espaço de encontro e convívio, onde conta que os stands das várias editoras vão estar presentes e onde cada uma delas se comprometeu a estabelecer um calendário de presenças de escritores e de ilustradores, de modo a que os visitantes possam saber que escritores vão estar presentes e em que dia e horas, permitindo-lhes trocar conversas com os autores e inclusivamente pedir-lhe um autógrafa, quer do escritor, quer do ilustrador “que vai personalizar aquele livro para sempre”. Refere ainda que o salão vai ser apadrinhado pelo Salão do Livro e da Imprensa Infantil de



Montreuil (nos arredores de Paris), e cuja directora, Sylvie Vassalo “vem simbolicamente dar início ao Salão”.

Sorteio de uma mala de livros para uma das bibliotecas escolares e distribuição de vales de desconto pelas escolas

Das actividades presentes na 1.ª Edição do Salão para a Infância, salienta a projecção de cinema de animação, as sessões de contos para os mais pequenos, os ateliers com alguns dos ilustradores presentes e adiantou que, ao se realizar numa altura próxima do Natal, na qual por hábito são lançados muitos livros para a infância, fizeram o pedido aos autores que assinalem o lançamento das suas obras no Salão.

O sorteio de uma mala de livros para uma das bibliotecas escolares é outra das iniciativas, a par da “distribuição maciça” pelas escolas de vales de desconto na compra dos livros “para que possam mais facilmente vir e comprar o seu livro e obter na hora o seu autógrafa”, conta.

“Diria que é talvez o projecto cultural que mais tem marcado a vida cultural barreirense”

Hoje a ILUSTRARTE organiza exposições de artistas de renome internacional na área da ilustração infantil e o Barreiro é reconhecido como a Capital Nacional da Ilustração, questão que Eduardo Filipe considera resultar do facto de se tratar de um projecto cultural que pela qualidade e continuidade: “diria que é talvez o projecto cultural que mais tem marcado a vida cultural barreirense”. Apesar de também reconhecer: “não sei

até que ponto a população, de uma forma geral, está informada destas actividades mas também é verdade que depende muito da apetência cultural por parte das pessoas, portanto deve surgir sempre pessoas que dizem que não ouviram nada, mas as pessoas têm de procurar também elas próprias a sua informação”. E garante: “não há criança do 1.º ciclo e do pré-escolar que não tenha vindo às nossas exposições”. Uma adesão da Comunidade Educativa que diz ser “excepcional” e que “compensa todo o investimento e todo o sacrifício feito”.

“É pena que o ano não tenha mais meses porque a vontade de fazer mais exposições é muito grande”

Num momento em que conta que estão já a agendar a programação para o ano de 2009, estando já definida a programação para 2008, sublinha: “só não há mais exposições por incapacidade, por falta de tempo e de espaço” e acrescenta: “É pena que o ano não tenha mais meses porque a vontade de fazer mais exposições é muito grande”.

ILUSTRARTE – “Tem uma projecção que se calhar o Barreiro nem suspeita”

Refere ainda que a nível internacional a ILUSTRARTE “tem uma projecção que se calhar o Barreiro nem suspeita” e acrescenta: “sem dúvida nenhuma de que a nível mundial, no meio da ilustração, a ILUSTRARTE é muito mais conhecida do que entre nós”. O que também ganha forma à luz dos números, Eduardo Filipe conta que nesta terceira edição da Bial houve uma participação de 1360 ilustra-

dores de 60 países e comenta: “o que para um projecto que há quatro anos não existia é fantástico”. “Quando nos começam a chegar trabalhos da Nova Zelândia, quando percebemos que há lá pessoas que conhecem o nosso projecto e que querem participar, que mais é que podemos querer?”, interroga. E por isso refere que a nível internacional a ILUSTRARTE tornou-se “num dos mais importantes eventos mundiais na área da ilustração para a infância”, o que diz resultar também da qualidade dos catálogos produzidos.

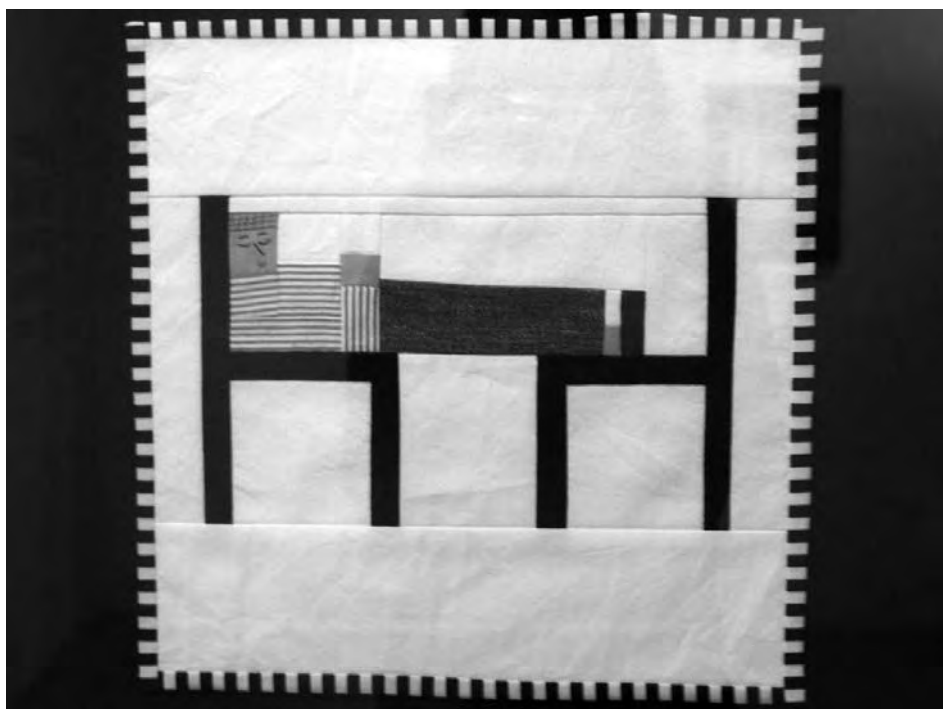
“O Barreiro tornou-se um dos centros de excelência ao nível da ilustração internacional”

E com a projecção do nome da ILUSTRARTE, diz que o nome do Barreiro também corre além fronteiras: “O Barreiro está no mapa da ilustração mundial”, comenta e conta que quando os ilustradores vão por exemplo a Bolonha e dizem que são portugueses, recebem logo a resposta: “Ah, Barreiro, Barreiro!”. E é esse facto que o leva a exclamar: “O Barreiro tornou-se um dos centros de excelência, ao nível da ilustração internacional”, afirmando que esse foi também um dos objectivos do programa, “não só de dar visibilidade ao Barreiro, mas criando aqui um dos pólos ao nível mundial onde se pudesse mostrar o que há de melhor na ilustração para a infância”. Um projecto que marca a vida cultural barreirense e que traz os melhores ilustradores do mundo a esta cidade à beira Tejo.

Andreia Lopes Gonçalves

No Barreiro – AMAC recebe Exposição “No Melhor Pano Cai o Livro”

“Ilustra o mote: o que é bom para uma criança é bom para todos nós”



O tecido virginal recebe a inspiração. Uma paleta que convoca a imaginar o que se esconde para lá das linhas e dos panos. Em “No Melhor Pano Cai o Livro”, a vida é exposta em quadradinhos de tecido. Um trabalho em retalhos que se debruça nos objectos, nas emoções e nos temas da existência humana. Assim são os quadros de Louise-Marie Cumont. “Pinturas” em patchwork que chamam à memória o nosso primeiro livro. De pano. Eduardo Filipe, um dos comissários da ILUSTRARTE, fala de uma “riqueza expressiva enorme” que desponta nesses “quadros”.

“Penso que não cessamos de aprender a olhar e de aprender olhando”.

Peças únicas que são livros de pano, concebidas pela artista plástica francesa Louise-Marie Cumont a pensar no seu filho, Gabriel, estão expostas no Auditório Municipal Augusto Cabrita (AMAC) até ao dia 18 de Novembro. À luz dos olhares, os seus trabalhos colocam interrogações e tanto se dirigem aos mais pequenos, como

aos mais velhos. Eduardo Filipe diz ser este um “bom exemplo de como educar os futuros leitores”, considerando, no entanto, que os temas e formas de expressão “não têm idade” e por isso agradam a todas as gerações e acrescenta: “Ilustra o mote: o que é bom para uma criança é bom para todos nós”. Por sua vez, é a própria artista plástica Louise-Marie Cumont que assume recusar as faixas etárias: “Penso que não cessamos de aprender a olhar e de aprender olhando”.

Uma obra de arte sobre a forma de livro

Louise-Marie Cumont repete os livros um a um, por encomenda, e para tal utiliza panos vindos de África, Ásia ou de Nova Iorque. Um trabalho que, por norma, é designado pela expressão de “livros de artista”, pois constituiu uma obra de arte sob a forma de livro, assim dizia Guy Schraenen (um especialista europeu em colecções e edições de artistas). E, desse modo, o livro torna-se num meio de representar o corpo, ao que a artista comenta: “(...) sendo ele próprio um corpo, com

a lombada como coluna vertebral e as páginas como membros”.

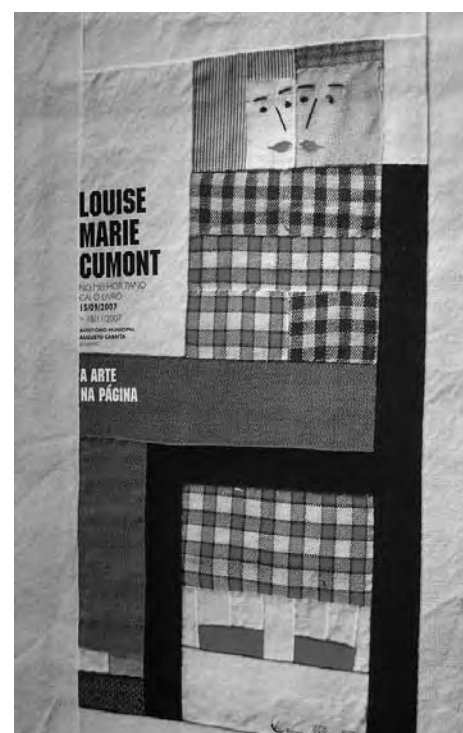
Objectos do dia-a-dia são a epígrafe de temas da existência humana

Da linguagem utilizada pela artista, Eduardo Filipe diz ser “muito geometrizada”. Os objectos retratados entram em harmonia com os corpos. Objectos do dia-a-dia como cadeiras, automóveis ou camas são alvo de dualidade. A cadeira reduzida à sua expressão mais elementar. O automóvel alvo da dualidade, automóvel – brinquedo e automóvel – veículo. A cama sugerida pelo cobertor mostra personagens. Sendo que algumas dormem, outras mergulham nos seus pesadelos ou sonhos. E depois há também “A Casa”, referência directa ao pintor Malevitch e é a própria Louise-Marie Cumont que reconhece que o que mais lhe interessa no pintor é “o questionamento sobre o emprego da figura na pintura, que permite passar da face humana ao quadrado negro sobre fundo branco, ou à casa com ou sem abertura”.

Louise-Marie Cumont, nasceu em França em 1957 e estudou Belas Artes em Paris e em Itália e trata temas

como a família, o amor, o medo ou a guerra de uma forma aparentemente simples, geométrica e universal, que a todos sabe chegar.

Andreia Lopes Gonçalves



João Vaz de Carvalho, pintor e ilustrador

ILUSTRARTE, uma referência para a ilustração e literatura infantil

Pintor autodidacta que vê em cada desenho que esboça uma aventura, onde “nunca se sabe o que vai acontecer”. A inspiração irrompe e as ideias transfiguram-se na tela ou no papel, consoante o trabalho que está a realizar, mas porque diz: “Não visto um fato diferente quando estou a ilustrar ou a pintar”, para João Vaz de Carvalho a linguagem que utiliza é a mesma e advoga: “Nunca está subjacente a ideia de que estou a ilustrar para crianças”. Vencedor da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância 2005, fala desse prémio com “uma satisfação muito grande” que diz ter permitido uma maior divulgação do seu trabalho e, nesse sentido, considera a ILUSTRARTE: “Uma referência para a ilustração e para o livro infantil”.

“O prémio tem um significado muito superior a qualquer colaboração que possa ter existido, ou não, com esta ou aquela editora”

Desde diversas colaborações em revistas, de um sem número de exposições, de livros publicados, de trabalhos de pintura e ilustração, João Vaz de Carvalho, de 49 anos, reúne já mais de duas décadas de “labuta” na arte da paleta, tendo em 2005 arrecadado o prémio da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância. Uma consagração que diz ter-lhe trazido uma “satisfação muito grande”, que criou um maior enfoque sobre o seu trabalho, ao que comenta: “as pesso-

as começaram a ficar mais atentas”. Mas essa atenção diz não ter passado muito pelas editoras nacionais, sublinhando que tem trabalhado mais com editoras espanholas e afirma: “O prémio tem um significado muito superior a qualquer colaboração que possa ter existido, ou não, com esta ou aquela editora”. A nível internacional conta que houve uma maior solicitação para participar em eventos e exposições e faz menção aos trabalhos que diz ter acabado de enviar para o Irão, o que o faz proferir: “daqui tem-se uma ideia do alcance que têm estes prémios, que quebram as fronteiras.”

ILUSTRARTE – “Uma referência para a ilustração e livro infantil”

Do projecto cultural ILUSTRARTE entende que trouxe uma grande divulgação não só da ilustração, como também da literatura para a infância, o que o leva a considerá-lo: “Uma referência para a ilustração e livro infantil”. A quebra de fronteiras entre os ilustradores e o aumento dos convites para a participação em feiras, concursos ou exposições em todos os cantos do mundo são, no seu entender, possibilitados pela iniciativa cultural com raízes no Barreiro e que o faz falar de uma dinâmica que não existia até então: “O intercâmbio que tem havido de informação, de conhecimento pessoal e de uma série de origens que estavam bastante distantes, foram proporcionadas pela ILUSTRARTE.” Adianta ainda que são os próprios



ilustradores, sobretudo os portugueses, que começam a olhar para a ILUSTRARTE “como uma espécie de marco”, como o traduzir de “um momento importante onde se faz uma espécie de avaliação do trabalho produzido num ano ou nos dois anos anteriores”.

Júri, um papel ingrato

E na 3.ª Edição da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância, que se realiza este ano, João Vaz de Carvalho “vestiu” a pele de júri, uma tarefa que considera ingrata, mesmo apesar de reconhecer que “um concurso é um concurso e as regras são sempre definidas à partida e não há equívocos”, à parte disso diz ser sempre complicado estar a seleccionar 50 ilustradores dos 1360 que participam. E quando questionado com os critérios que tem em conta na avaliação, refere que a primeira impressão é um aspecto “quase determinante” e no qual “o contacto visual com o trabalho é fundamental”.

ILUSTRARTE - Um trabalho pessoal

Ainda sobre a ILUSTRARTE, sublinha que o trabalho realizado pelos comissários Ju Godinho e Eduardo Filipe são essenciais para a proximidade que se estabelece entre os ilustradores, pois considera: “de facto é um trabalho pessoal e depois isso passa para to-

dos, há um benefício que ainda não está bem avaliado e ainda bem que não está porque os balanços fazem-se no fim.”

Naturalidade e imprevisibilidade na arte

Imbuído no espírito de: “Que as emoções que se transponham no quadro depois passem para quem as for capaz de receber, sejam elas adultos ou crianças”, João Vaz de Carvalho refere que a linguagem que utiliza na ilustração ou na pintura é a mesma e usa os termos naturalidade e imprevisibilidade quando fala de arte.

O humor é uma característica que resalta nas suas pinturas, nos seus bonecos característicos, de pernas finas e gestos que evocam a dança, mas esse elemento humorístico adverte que não é algo de premeditado, surge com a mesma naturalidade com que lhe surgem as imagens e em que as ideias vão nascendo à luz do que não se prevê e sobre isso comenta: “há um lado divertido no meu trabalho mas não é uma coisa cerebral”. Um trabalho que diz ser uma aventura de cada vez que vai em busca de um desenho.

Andreia Lopes Gonçalves



Foto reportagem

À descoberta da arte dos desenhos que contam histórias

As exposições sobre o mote "Arte na Página" da organização da ILUSTRARTE, presentes no Auditório Municipal Augusto Cabrita (AMAC), recebem todos os dias visitas das escolas do primeiro ciclo e pré-escolar do concelho do Barreiro, mas também já fora dele, sublinha Maria José que acompanha algumas das visitas dos meninos e meninas que vêm descobrir a arte dos desenhos que contam histórias.

Desta feita foi a vez da turma 2ºF da Escola Básica do 1.º Ciclo nº4 do Barreiro que veio visitar a exposição "No Melhor Pano Cai o Livro", da artista plástica francesa Louise-Marie Cumont. Crianças de sete anos, que da exposição sabem identificar a linguagem geométrica utilizada, e que se entusiasma quando sobre eles recai a tarefa de "puxar pela imaginação" e então se dedicam à elaboração da sua obra de arte com colagens de tecidos e papel.



PUB

